

SOBRE OS FENÍCIOS

Livro 108

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



DEUS MERCÚRIO

Mercúrio se disfarçou com roupas de mercador para ver se lhe tinham em estima os homens, e entrando em casa de um escultor que tinha imagens de todos os deuses, lhe perguntou quanto custava a estátua de Júpiter e o artesão lhe pediu um real, e o mesmo para as demais divindades. Chegou por fim a sua imagem, e ao perguntar-lhe seu valor, fixou o artífice que se levava as demais a seu preço, lhe presenteava aquela. Vendamos, pois, a Mercúrio, deus da Eloquência, e se há escultores que o regalem, os permito que não presteis atenção ao que discorro, nem os apliqueis ao que eu lhes ensino.



DIÁLOGO QUARTO – JOSÉ DE LA VEGA ano 1688

Os fenícios, atônitos, ao ver que se derretiam os Pirineus em tesouros líquidos – pois havendo estado encerradas em suas veias as minas, se convertiam

agora em mares – se viram obrigados a carregar em naves de ouro, porém como os barcos eram pequenos para conduzir tão grande tesouro, decidiram, para não retardar sua fortuna, lançar as âncoras ao mar, para que se fizessem de ouro. (Do livro *Confusión de Confusiones*)



FENICIOS, GREGOS E ROMANOS JÁ CONTAMINAVAM O MEDITERRÂNEO

O aumento da concentração de metais se corresponde à expansão da indústria mineira, a metalurgia, a demanda de alimentos, a cultura e a tecnologia das civilizações antigas. Tanta gente trabalhando nas minas e a intensificação agrícola e a deflorestação podam recursos de outros produtos trazendo muitos câmbios.

TITO MANLIO TORQUATO (CONSUL E DITADOR ROMANO 208 A.C)

Tinha Manlio pouco trigo para defender Roma dos gauleses, e ordenou que se juntasse toda a farinha e que atirassem a os soldados pão fresco ao inimigo, para que ao jogá-lo com risos, deboches e insultos, acreditassem que o desperdiçavam porque lhe sobrava, e estavam desperdiçando na realidade o que tinham.



ILHAS CANÁRIAS

Não se conhecem registros arqueológicos das ilhas Canarias, enfatizaram esta documentada de forma imprecisa, em muitas ocasiões, atividades de hippos, barcos com recursos potenciais que em círculos comerciais e pesqueiros de Linux e Kerné ou al uadi Draa, entre 800 e 400 d.C. Entretanto não há dúvidas dos conhecimentos das ilhas Canarias por parte dos fenícios e que é altamente provável que a visitassem e explorassem. Outra coisa é que encontrassem interesse na sua colonização. Sua principal atração ali era a

pesca. O potencial da pesca nas antiguidades não justifica por si só uma presença fenícia nas ilhas. Que fazer com o pescado naquelas latitudes? forçosamente deveria processar-se e envasar-se na costa, pois não resistiria um regressa às bases peninsulares sem apodrecer. Irremediavelmente são necessárias produções industriais costeiras e povoação dedicada a esses trabalhos. É a falta de população aborígene o fator que parece essencial e o que, em última instância justificaria a falta de interesse pelas ilhas por parte dos fenícios. Entretanto vários são os grafites canários mostrando detalhes dos barcos fenícios.



OS PRIMEIROS MARINHEIROS FENICIOS EM PORTUGAL

Os primeiros marinheiros de origem mediterrâneo que se aventuraram por esta águas, seguramente de origem fenício, deveram valorizar cuidadosamente estas diferentes condições meteomarinhas da costa atlântica antes de fundar colônias nos estuários de o Tajo y Sado, pois o volume de importações Gatidianas

nesses confins demonstra que as comunicações entre a costa portuguesa até a altura de Lisboa e a gaditana foram fluídas e constantes desde 850-800 d.C. e mais tarde, até Montego e Conímbriga.

Outro tanto podemos dizer da costa africana, as soluções náuticas para

Navegar por estas costas até Linux e Kernó estavam ensaiadas e postas em funcionamento eficaz ao menos entre 819 e 750 d.C, intervalo de uma datação radiocarbônica dos contextos arcaicos de Linux.



TRÁFICO MERCANTE

É bem sabido que o tráfico mercante se realizou na antiguidade com propulsão a vela no Mediterrâneo, porém a ajuda do remo para ganhar afeição na costa atlântica parece que se faz imprescindível. Muitos investigadores, com razão, veem difícil que um barco com carga tão pesada, como as ânforas, pudesse recorrer contra o vento tal quantidade de milhas infrutíferas. Entretanto, o tráfico marítimo entre as colônias fenícias europeias e as bases africanas deve completar-

se em um contexto que integrava diferentes atividades econômicas complementares. Esta virtualidade o diferencia claramente do comércio ultramarino mediterrâneo, no qual um mercante de qualquer porte, embarcava ânforas em um porto e regressava de novo ao mesmo ponto de partida com carga pesada, igualmente anfórica, ainda com outros conteúdos; tanta ida, como a vinda, podiam efetivamente realizá-la a vela.



O TRÁFICO NAVAL DAS COSTAS AFRICANAS

As condições oceanográficas as que se enfrentava o tráfico naval nas costas africanas permitia levar pesadas cargas nas rotas N-S com ventos largos de popa, assim como corrente e ondas favoráveis na mesma direção, com o que a chegada as bases fenícias do Marrocos atlântico, até Linux y Kerné, e eventualmente até el uadi Draa, podia fazer-se a vela sem maior dificuldade. Uma vez nestes confins, descarregada a mercadoria comercial, os mesmos barcos podiam utilizar-se em empresas pesqueiras quando a temporada era propícia. Acabada a qual a pesca se desembarca nas mesmas

bases africanas, como Linux, onde passava a ser processada. De novo o barco ficava em disposição de ser empregado a seu regresso à península, porem agora deveria fazê-lo não com a carga pesada, mas com mercadorias muito valiosas e mais

Leves que as ânforas, como o ouro e o marfim conseguido nas costas africana ou no ilhote de Kerné. Desta forma, a viagem de regresso podia fazer-se em muitos trechos sem que prejudicar a rentabilidade da empresa.



O CÍRCULO DO ESTREITO OU OS FENÍCIOS DO ATLANTICO

A cunhagem de um termo e a formulação de uma ideia. Miguel Taradell é o pioneiro dos estudos fenicios na Espanha, a acentuada personalidade gaditana, circunstancia que o levou a formular a hipótese da existência de uma unidade cultural e econômica semita extremo-ocidental, diferenciada da cartaginesa, que abarcaria ambas margens do Estreito.

CÍRCULO DO ESTREITO

Um dos temas pendentes é o da delimitação geográfica do denominada “Círculo do Estreito”, em outras palavras, ficam por fixar seus limites espaciais. Em relação aos púnicos da Península Ibérica se pôs de relevo a necessidade de diferenciar dois tipos de espaço: espaço cultural frente a “espaço político”. O “espaço cultural se identifica com o território nele se assentam grupos humanos com uma mesma origem que compartilham elementos como a língua ou a religião. Segundo esta definição, no “espaço cultural púnico” ficariam incluídas, na prática, todas as cidades púnicas de Iberia e seus territórios. Nesse mesmo espaço poderíamos falar, entretanto, de vários “espaços políticos”, em número e limites imprecisos, porém se constituíram em torno as mais importantes polis púnicas, e que não seriam fixos nem no espaço nem no tempo, senão variariam fatores: populações, políticos, guerras, etc. (Ferrer 1998)

AINDA O CÍRCULO

A estes dois espaços (seguindo o anterior) se poderia incluir um terceiro: o “espaço econômico. Neste sentido pensamos que se pode aplicar o modelo definido por Tráziny (1987) para definir a “zona de influência” da Marselha grega e que foi adaptada com êxito para a análise de outras áreas peninsulares. Segundo o investigador francês, “a zona de influência” que, no sentido amplo, podemos atribuir a uma colônia comercial ou um empório produtor/distribuidor viria definida pela área na que circulam os produtos típicos da cidade e sua moeda, onde se provisiona para sua subsistência, o que a sua vez propicia o desenvolvimento artesanal e o comércio. Se trataria exclusivamente da zona de interesse econômico excluindo, a priori, qualquer tipo de presença familiar o controle político.



A PROTOHISTÓRIA CANÁRIA

A proto-história canária nas ilhas do arquipélago registra as datações mais antigas na Graciosa y Tenerife, posteriormente seguindo a datação por ordem de antiguidade estão La Palma, Lanzarote, Gran Canaria,

El Hierro, Fuerteventura e La Gomera. Diante de um fenômeno de colonização seu desenvolvimento não parece haver implicado no estabelecimento efetivo de povoação em todas as ilhas desde o primeiro momento. Há uma suspeita que Lanzarote por sua proximidade à costa africana foi uma das primeiras ilhas do arquipélago eleitas para ser povoadas.



FASE FENÍCIA DESCOBRIMENTO E COLONIZAÇÃO INICIAL DAS CANÁRIAS

Os vestígios arqueológicos e as datações disponíveis obrigam pelo momento a assinalar como protagonistas do descobrimento a navegantes fenícios em algum instante da primeira metade do I milênio, sinto o espaço temporal compreendido no intervalo dos séculos X e VI a.C, quando se supõe haver visto

Envolvida pelos primeiros colonizadores.

Depois o descobrimento das Ilhas Canarias seria submisso a um processo de frequência e avaliação de suas riquezas e possibilidades mediante sucessivas visitas ou inclusive mediante a criação temporal de colônias ou pontos litorâneos de escala e apoio às atividades que se puseram em marcha.

A NECESSIDADE DE UM ABASTECIMENTO DE SAL ANTES DE COMEÇAR A PESCAR: PEQUENAS SALINAS NATURAIS

O sal era imprescindível antes de pôr-se a pescar, pois atua como antisséptico que evitava os processos de putrefação no pescado, e bem os barcos vinham com suas adegas carregadas de sal, ou bem o recolhiam primeiro em Canarias e logo pescavam em suas águas circundantes.

Ao longo de boa parte das ilhas Canárias, existem pontos naturais de obtenção de sal. Neles se realiza a primeira evaporação de água e aumenta a concentração de sal o cloreto de sódio, que nas salinas se denomina calentador

Uma segunda etapa existe a ação humana trasladando água para pequenos charcos ou cozideiros situados em suas imediações.

Este uso de salgar o pescado permitiu aos Fenícios comercializar em suas longas viagens. Criaram desta forma um meio de levá-lo aos entrepostos.

A CIDADE DE TIRO

Muitas referências nos textos antigos se referem aos tirios, e dada a ausência de fontes literárias que concretizem a situação histórica da cidade de Tiro por aquelas datas, resulta oportuno voltar agora o olhar para os resultados da investigação arqueológica naquele lugar. Diversos trabalhos vêm mostrando como Tiro inicia, desde mediados do século XI a.C. uma expansão territorial em direção a fértil planície costeira da região do Akko e Monte Carmelo, uns 45 km, ao sul da cidade, destruindo alguns assentamentos ocupados pelos “povos do mar” com Dor e provavelmente Akko, e ocupando outros lugares como Achziv, Tell Abu Hawam, Tell Keisan, Kabul, Shilmona, Tell Mevorakn, Tell Qasile y Tell Michal. Tiro fazia assim com o controle dos lugares não só litorâneos, mas situados também alguns sobre as colinas da Baixa Galiléia, bastante tempo antes da suposta compra a Salomão das “terras do país de Kabul”. Denominação administrativa do território da tribo de Asher na Galiléia, com o que se quebra a imagem que tínhamos do auge de Tiro mediante a diplomacia e o comércio. Os níveis de destruição em lugares como Dor e Akko revelam uma

estratégia claramente violenta e coercitiva, dirigida não só a dominar a franja inteira litorânea entre Tiro e Monte Carmelo, mas também apropriar-se de uma região chave para o desenvolvimento agrícola e o controle das rotas terrestres.



TIRO E O EXTREMO ORIENTE

Respeito ao extremo oriente, onde as fontes escritas situam algumas das fundações mais antigas, as recentes descobertas em um depósito secundário da cidade de Huelva revelam sem lugar a dúvidas uma frequência por parte de gentes tirias ao menos desde os finais do século X e começos do IX a.C., se nos detemos à informação de materiais cerâmicos. De 7.936 fragmentos de cerâmica revisados, 3.233 pertencem a vasos de tradição fenícia, (pratos, tigelas, candeias, jarros, ânforas, etc.) Junto as cerâmicas, destacam, além disso, os restos de trabalho em marfim, osso, ágata e trabalhos metalúrgicos de prata, ferro e cobre

presentes nas escórias, caldeirões, fornos, moldes de fundição, e peças acabadas encontradas, além de alguns vestígios de atividades agropecuárias.



OS FENICIOS E O TRÁFICO MARÍTIMO ATLÂNTICO E MEDITERRÂNEO

Achados no depósito da Ria de Huelva prova que a expansão fenícia não seguiu uma pauta de avanços progressivos nos que os fenícios de Tiro iriam consolidando posições em Chipre, primeiro, para logo passar a Rodas e ao Egeu, daí alcançar o Mediterrâneo Central (Sicilia, N. Africa e Sardenha) o que lhes permitiria, por, chegar ao longínquo Ocidente. Mesmo assim, introduz algumas incógnitas sobre o momento em que os círculos de tráfico marítimo atlântico e mediterrâneo ficaram controlados pelos fenícios. Espadas, fíbulas, achas, formam parte, junto com outros objetos da iconografia das ilhas decoradas do S.O. cujos exemplares considerados mais antigos se atribuem a uma cronologia do século XI a.C.

CADIZ (GADIR)

“É possível que a presença do núcleo metropolitano cartaginês em terras africanas tenda a apagar na mente dos investigadores um fato dificilmente impugnável com os dados que se podem manejar: esse fato é que no extremo Ocidente o papel básico da colonização fenício-punica o coloca nas terras meridionais ibéricas, concretamente no litoral andaluz, e que a metrópole deste conjunto é Cadiz (Gadir), na realidade “capital” fenícia do extremo Ocidente tanto pelo lado europeu como pelo africano. Daqui que nós consideramos preferível chamar a este mundo fenício ocidental com o nome “Círculo do Estreito”. Evitando as diferenciações entre expansão fenícia em Marrocos e expansão fenícia na Espanha ou sul de Portugal” (Taradell, 1960).

OS FENÍCIOS E OS ETÍOPES

O comércio entre os fenícios e os etíopes como caçadores e pastores, comedores de carne, bebedores de leite, que usam o marfim dos elefantes caçados para seus copos e ornamentos. As mercadorias que oferecem aos empórios fenícios são congruentes com o panorama etnográfico traçado no Périplo: peles de gazelas, de leões e leopardos, de animais domésticos, peles e marfim dos elefantes. Esses artigos eram distribuídos com profusão pelos fenícios na Península Ibérica e outros entrepostos.

*Foram utilizados neste livro materiais do livro *Los Fenícios y el Atlántico* publicado por el Centro de Estudios Fenicios y Punicos – IV Colóquio (Gonzalez Antón, R., López Pardo, F. y Peña Romo, V. (eds), Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid, 2008*

Roberto Curi Hallal

